

MESTRADO EM PSICOLOGIA
PSICOLOGIA DA JUSTIÇA E DA DESVIÂNCIA

Psicopatia e Granularidade Emocional: Compreensão do Processamento Emocional em Contextos Não Clínicos

Ana Beatriz André Batalha

M

2025



Universidade do Porto
Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação

**PSICOPATIA E GRANULARIDADE EMOCIONAL:
COMPREENSÃO DO PROCESSAMENTO EMOCIONAL
EM CONTEXTOS NÃO CLÍNICOS**

Ana Beatriz André Batalha

Junho 2025

Dissertação apresentada no Mestrado em Psicologia da Justiça e da Desviância, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto, orientada pelo Professor Doutor ***Fernando Ferreira-Santos*** (FPCEUP).

AVISOS LEGAIS

O conteúdo desta dissertação reflete as perspectivas, o trabalho e as interpretações do/da autor/a no momento da sua entrega. Esta dissertação pode conter incorreções, tanto conceituais como metodológicas, que podem ter sido identificadas em momento posterior ao da sua entrega. Por conseguinte, qualquer utilização dos seus conteúdos deve ser exercida com cautela.

Ao entregar esta dissertação, o/a autor/a declara que a mesma é resultante do seu próprio trabalho, contém contributos originais e são reconhecidas todas as fontes utilizadas, encontrando-se tais fontes devidamente citadas no corpo do texto e identificadas na secção de referências. O/A autor/a declara, ainda, que não divulga na presente dissertação quaisquer conteúdos cuja reprodução esteja vedada por direitos de autor ou de propriedade industrial.

Agradecimentos

A conclusão deste trabalho representa o fim de uma etapa importante, que só foi possível graças ao contributo de várias pessoas ao longo deste percurso.

Ao Professor Doutor Fernando Ferreira-Santos, agradeço pela orientação rigorosa, pela disponibilidade e pelo incentivo constante durante a realização desta investigação.

Às pessoas participantes deste estudo — a elas, o meu sincero obrigado pela disponibilidade que tiveram e contributo que foram essenciais para a concretização desta dissertação.

À minha família, obrigada por me permitirem ser aquilo que sempre quis ser. O vosso apoio foram o alicerce que me sustentou nos momentos mais desafiantes.

Aos meus avós, que têm sido pais desde que me lembro. Há 51 anos começaram uma luta que me trouxe até aqui — para que hoje eu possa estudar, ser e viver em liberdade. Mesmo sem saberem bem o que é uma tese, foram sempre os primeiros a acreditar em mim. Aos meus padrinhos, por preencherem espaços que, embora não tenham criado, assumiram com carinho e dedicação.

Ao Zé, irmão e presença constante, por partilhar comigo tantas fases desta caminhada e por contribuir de forma significativa para o meu crescimento pessoal. Obrigada por cresceres comigo, por me fazeres pensar, rir, e por nunca deixares que me perdesse de mim mesma.

Ao Diogo e à Cátia, os irmãos que a vida me deu sem eu saber que precisava. Obrigada por cada gesto, palavra e presença.

À Helena, que foi casa, abrigo e amizade incondicional ao longo destes cinco anos. À Vânia, por ter sido uma das mais bonitas surpresas deste percurso. À Mariana, pela década de amizade, pela resiliência mútua ao longo de todos estes anos.

À Ana, à Luiza e à Yara, por embarcarem comigo nesta desafiante aventura da psicologia da justiça. À “Tropa”, por serem colo, companhia e sanidade nos momentos mais críticos da faculdade — e da vida.

À Joana, ao Pedro e à Sílvia, pelas viagens que nos aproximaram, pelo apoio silencioso, mas sempre presente. Ao “GJOD”, por me mostrar que é possível encontrar propósito, amizade e inspiração num grupo tão especial.

E a todas e todos aqueles que se cruzaram comigo ao longo deste percurso de cinco anos, dentro e fora da faculdade: acredito genuinamente que todas as pessoas deixam algo em nós. Obrigada por cada palavra, cada silêncio, cada riso, cada desafio. Levo comigo um pouco de cada um — e sou profundamente grata por isso.

Resumo

Esta dissertação teve como objetivo explorar a relação entre os traços de psicopatia, definidos pelo Modelo Triárquico (*Disinhibition*, *Meanness* e *Boldness*), proposto por Patrick, Fowles e Krueger (2009), e competências emocionais como a granularidade emocional (ou diferenciação emocional), a expressividade emocional e a regulação emocional, numa amostra comunitária. Participaram no estudo 109 indivíduos adultos (80 do género feminino), com idades compreendidas entre os 18 e os 53 anos. Foram aplicadas várias medidas psicométricas de autorrelato, incluindo a *Triarchic Psychopathy Measure* (TriPM), a *Escala de Avaliação do Repertório e Capacidade de Diferenciação Emocional* (EARCDE), o *Questionário de Regulação Emocional* (QRE), a *Escala de Expressividade Emocional* (EEE) e, ainda, o *Inventário do Processo Emocional* (IPE). Os resultados revelaram associações negativas significativas entre os traços de *Meanness* e *Disinhibition* com a diferenciação emocional, sugerindo que indivíduos com maior tendência para comportamentos impulsivos, insensíveis ou frios apresentam maior dificuldade em discriminar emoções negativas de forma precisa. O traço de *Meanness* mostrou uma associação negativa com a expressividade emocional, indicando que a insensibilidade afetiva pode comprometer a manifestação externa das emoções. Por outro lado, o traço de *Boldness* não se associou de forma significativa a nenhuma das variáveis emocionais analisadas, o que reforça a ideia da sua natureza possivelmente mais adaptativa ou neutra dentro do espectro psicopático. Estes achados destacam a importância de considerar os componentes emocionais na análise dos traços de psicopatia, mesmo em contextos não clínicos, e sugerem implicações relevantes para a intervenção psicológica e para investigações futuras.

Palavras-Chave: Modelo Triárquico, Psicopatia, Granularidade Emocional, Regulação Emocional, Expressividade Emocional, Processo Emocional.

Abstract

This dissertation aimed to explore the relationship between psychopathy traits, as defined by the Triarchic Model (*Disinhibition*, *Meanness*, and *Boldness*), proposed by Patrick, Fowles, and Krueger (2009), and emotional competencies such as emotional granularity (or emotional differentiation), emotional expressivity, and emotional regulation, in a community sample.

This study included 109 adult participants (80 of whom were female), aged between 18 and 53 years. Several self-report psychometric instruments were administered, including the *Triarchic Psychopathy Measure* (TriPM), *Range and Differentiation of Emotional Experience Scale* (RDEES), the *Emotion Regulation Questionnaire* (ERQ), and the *Emotional Expressivity Scale* (EES). The results revealed significant negative associations between *Meanness* and *Disinhibition* traits with emotional differentiation, suggesting that individuals with a greater tendency towards impulsive, insensitive, or cold behaviors have greater difficulty in accurately discriminating negative emotions. The *Meanness* trait showed a negative association with emotional expressiveness, indicating that affective insensitivity may compromise the external manifestation of emotions. In contrast, *Boldness* trait did not show a significant association with any of the emotional variables analyzed, which reinforces the idea of its potentially more adaptive or neutral nature within the psychopathic spectrum.

These findings underscore the importance of considering emotional components in the analysis of psychopathic traits, even in non-clinical contexts, and suggest relevant implications for psychological intervention and future research.

Keywords: Triarchic Model, Psychopathy, Emotional Granularity, Emotional Regulation, Emotional Expressivity, Emotional Process.

Introdução

Psicopatia

A psicopatia tem sido objeto de investigação científica desde os primórdios da psicologia clínica e forense. Embora, inicialmente associada apenas a comportamentos antissociais e criminais e à ausência de remorso, a literatura atual apresenta uma visão muito mais complexa da psicopatia. Este constructo psicológico, multifacetado por natureza, abrange dimensões afetivas, emocionais, interpessoais e comportamentais (Cleckley, 1988; Filho, 2009).

Ao contrário de outras perturbações mentais mais evidentes, como as psicoses – que se manifestam através de delírios, alucinações ou pensamento desorganizado – o indivíduo psicopata exhibe frequentemente um discurso coerente, boas capacidades cognitivas e até um charme considerável (Cleckley, 1988). Tal como o autor Hervey Cleckley (1988) sublinha, estes indivíduos usam uma “máscara de sanidade” (*“Mask of Sanity”*) enquanto verniz de normalidade que esconde uma incapacidade fundamental de experienciar culpa, remorso ou empatia. Através da investigação clínica e do estudo de casos muito específicos, o mesmo autor identificou um conjunto de traços comportamentais recorrentes e comuns que definem o perfil psicopático – encanto superficial, ausência de ansiedade, falsidade e insinceridade patológicas, falta de remorso, culpa ou vergonha, tendência para adotar comportamentos antissociais sem motivação aparente, egocentrismo, incapacidade para demonstrar afeto e reações emocionais genuínas (Cleckley, 1988).

Os estudos clássicos, como os de Hare e colaboradores, estabeleceram critérios objetivos para a avaliação da psicopatia, permitindo a sua distinção de outros transtornos de personalidade, como o transtorno de personalidade antissocial. A criação de um instrumento como a *Psychopathy Checklist-Revised* (PCL-R) tornou-se fundamental para a avaliação destes traços tanto na população forense, como na população em geral (Neumann & Hare, 2008).

A psicopatia deve ser vista como um constructo contínuo e heterogéneo, uma vez que os traços de psicopatia variam em intensidade na população e que diferentes tipos – psicopatia primária e psicopatia secundária – exigem abordagens distintas (Skeem et al., 2011). Investigações recentes têm demonstrado que os traços de psicopatia não são exclusivos de populações delinquentes ou institucionalizadas, mas manifestam-se em graus variáveis na população em geral. Esta conceitualização assenta numa perspetiva dimensional do constructo, em contraste com abordagens categóricas que distinguem de forma rígida indivíduos psicopatas de não-psicopatas (Coid et al., 2009; Neumann & Hare, 2008).

Alguns indivíduos manifestam traços de psicopatia de forma acentuada, extrema e contínua, através da adoção de comportamentos delinquentes, relações humanas destrutivas e completa irresponsabilidade social. Outros apresentam alguns traços mais particulares, o que dificulta a sua identificação. Estes últimos podem até desempenhar papéis socialmente valorizados – como políticos, médicos, figuras públicas ou empresários – adotando uma postura manipuladora, exploradora e enganadora para com terceiros para benefício próprio (Cleckley, 1988; Coid et al., 2009). Ainda assim é necessário ter em consideração o contexto e cultura enquanto fatores decisivos para a avaliação da psicopatia, uma vez que deve ser reconhecido que a expressão e a percepção destes traços podem variar entre diferentes populações e ambientes sociais (Filho, 2009).

Indivíduos com traços psicopáticos apresentam maior perseveração de resposta, ou seja, mesmo diante de consequências negativas, apresentam dificuldades para inibir comportamentos previamente reforçados. Por exemplo, na investigação de Newman e colaboradores (1987) indivíduos com traços mais acentuados de psicopatia insistiam na escolha de uma carta que era penalizada. Este comportamento repetitivo sugere uma insensibilidade ao *feedback* negativo ou falha na monitorização emocional do erro. Este estudo é um suporte à Teoria do Déficit de Modulação Emocional na psicopatia que explica a persistência em comportamentos antissociais perante consequências adversas (Newman et al., 1987).

Indivíduos com níveis elevados dos traços de psicopatia podem exibir défices significativos na percepção e reconhecimento de expressões faciais de emoções negativas, o que pode contribuir para a sua insensibilidade empática e adoção de comportamentos desviantes. Esta incapacidade de reconhecer emoções, como o medo, pode ser um marcador neuropsicológico importante da psicopatia (Vasconcellos et al., 2014). A articulação entre fatores genéticos, hereditários e contextos ambientais adversos – como o abuso e a negligência na infância – é apontada como uma via de desenvolvimento de traços de psicopatia (Neumann, 2008).

Através dos autores Patrick, Fowles e Krueger (2009) surge o Modelo Triárquico da Psicopatia que descreve a psicopatia com base em três domínios fundamentais: *Disinhibition* (desinibição), *Boldness* (ousadia) e *Meanness* (malvadez). Cada um destes componentes contribui de maneira distinta para o comportamento psicopático, oferecendo uma visão mais integrada e compreensiva das variações individuais dentro do espectro. A *disinhibition* refere-se à tendência para adotar comportamentos impulsivos e irresponsáveis. A *boldness* está associada à alta autoconfiança e resistência ao stresse, enquanto a *meanness* envolve a ausência de empatia e uma predisposição para explorar os outros de forma fria e calculista (Patrick et al.,

2009). Este modelo surge para unificar diferentes perspectivas sobre a psicopatia, conciliando tanto modelos clínicos clássicos – de Cleckley e Hare – quanto abordagens da psicologia da personalidade e das neurociências, tendo em conta que cada dimensão está associada a mecanismos neuropsicológicos e trajetórias desenvolvimentais diferentes, que contribuem para uma compreensão mais precisa da diversidade das manifestações da psicopatia. Desta forma, evidencia-se que o Modelo Triárquico permite uma diferenciação mais refinada dos perfis psicopáticos (Cleckley, 1988; Neumann & Hare, 2008; Patrick et al., 2009).

Emoções: Expressividade e Regulação Emocional

A compreensão da psicopatia exige, inevitavelmente, uma análise aprofundada do funcionamento emocional, uma vez que muitos dos traços psicopáticos assentam precisamente em défices afetivos e dificuldades na expressão, perceção e regulação das emoções. A insensibilidade emocional, a ausência de empatia e a impulsividade frequentemente observadas nestes indivíduos apontam para disfunções nos processos emocionais fundamentais.

Por isto, torna-se pertinente explorar, de forma mais detalhada, os mecanismos da expressividade e da regulação emocional, que desempenham um papel central não apenas na adaptação social, mas também na forma como os indivíduos experienciam e expressam os seus estados internos. Compreender estas dinâmicas permite clarificar o modo como determinadas características emocionais podem estar associadas a perfis de personalidade mais disfuncionais, como é o caso da psicopatia.

As emoções têm sido um tema central na psicologia, com inúmeras abordagens que tentam esclarecer a sua natureza, origem e funcionamento. As emoções são resultado da combinação de três componentes principais: as alterações psicofisiológicas (i.e., ritmo cardíaco), experiência subjetiva (i.e., aquilo que sentimos), e as manifestações comportamentais (i.e., expressões faciais). Paul Ekman, na linha pioneira de Darwin, considera a existência de um conjunto de emoções básicas (ex.: alegria, tristeza, medo) como categorias específicas. Por outro lado, James Russel, defende uma perspectiva dimensional. As emoções estarão organizadas na conjugação de duas dimensões: a valência afetiva (i.e., positiva vs. negativa) e a intensidade. Ainda assim, a investigação das emoções tem-se debruçado sobretudo em duas linhas: uma mais focada na componente descritiva da experiência subjetiva e outra mais dedicada ao estudo das alterações neuropsicológicas (Esteves, 2022).

A Teoria da Avaliação Cognitiva destaca-se ao propor que as emoções não são meras respostas automáticas a estímulos, mas sim construções resultantes de processos cognitivos que

avaliam a relevância e significado das situações para o indivíduo (Reisenzein & Hofmann, 1993). Os autores Reisenzein e Hofmann (1993) apresentam um estudo fundamental para esta perspectiva, investigando a capacidade de discriminar emoções com base em informações situacionais relevantes para as avaliações cognitivas. Estes fornecem dados empíricos que sustentam a hipótese de que, diferentes emoções podem ser diferenciadas mediante padrões específicos de avaliação, tal como a percepção de controlo, responsabilidade, novidade e consequências da situação. Embora algumas emoções possam partilhar alguns componentes avaliativos, é possível identificar padrões de avaliação suficientemente distintos que permitam a diferenciação clara entre elas.

As emoções foram concetualizadas como naturais, quando na verdade são construídas, mesmo que isto não signifique que não sejam naturais ao ser humano (Barrett, 2012). Esta abordagem sugere que as emoções são fenómenos complexos que emergem da interação entre processos biológicos e construções sociais e, por isso, reconhecer esta complexidade pode levar a uma compreensão mais profunda das experiências emocionais humanas (Barrett, 2012).

A investigação científica mostra grande variabilidade na forma como as pessoas experienciam e expressam emoções. Algumas teorias tradicionais (ex.: Ekman, James-Lange) assumem que as emoções são respostas automáticas e inatas, ligadas a expressões faciais e estados fisiológicos específicos. Barrett (2006) argumenta que essas respostas não são tão consistentes nem universais quanto se pensava. A autora propõe a Teoria da Emoção como Construção (Construtivista), definindo as emoções como construções do indivíduo, que se insere num contexto social, cultural e biológico muito específico. Por um lado, as emoções (e o seu significado) são construídas mediante sensações gerais de afeto, prazer/desprazer e ativação, e, por outro lado, são processos de categorização conceitual, influenciados pela linguagem que dá significado à experiência. Desta forma, Barrett propõe que as emoções não são entidades naturais fixas, mas sim construções mentais dinâmicas. Entender as emoções exige olhar para como as pessoas dão significado à sua experiência fisiológica, através da linguagem e do contexto cultural (Barrett, 2004; 2006).

A expressividade emocional é entendida como a tendência característica de uma pessoa para manifestar emoções externamente, sendo fundamental para a comunicação interpessoal e para a regulação emocional, uma vez que permite entender e comunicar emoções de forma eficaz. A expressividade emocional é um processo com múltiplas dimensões. Pode ser medida pela sua intensidade, pelo tipo de emoções expressas (se positivas ou negativas) e pela regulação e controlo da expressão (Dobbs et al., 2007). A expressividade emocional é a tendência estável do indivíduo para demonstrar emoções através de expressões faciais, gestos

e voz. No entanto, não se trata apenas de emoções específicas, mas da forma como o indivíduo se comporta emocionalmente no seu dia a dia (Kring et al., 1994). A alta expressividade emocional está positivamente associada à extroversão, ao afeto positivo e a um maior envolvimento social. Por outro lado, a baixa expressividade emocional pode indicar inibição emocional e está relacionado a traços específicos da personalidade e dificuldades de relacionamento. Desta forma, podemos compreender que pessoas mais expressivas tendem a ser mais perceptíveis emocionalmente pelos outros – confirmando que a expressividade é observável socialmente (Kring et al., 1994).

Os autores Burgin e colaboradores (2012) procuraram investigar o tipo de relação que poderia existir entre a expressividade emocional espontânea no dia a dia e o sentimento de felicidade, especialmente em contextos sociais – o estar com outras pessoas. De imediato os investigadores descobriram que indivíduos que expressam eficazmente o que sentem emocionalmente tendem a experimentar mais felicidade, especialmente quando estão acompanhados de outras pessoas. O que sugere que expressar emoções facilita as conexões interpessoais que, por consequência, também aumentam o bem-estar do indivíduo (Burgin et al., 2012).

A capacidade de nomear e distinguir emoções negativas específicas permite uma melhor seleção de estratégias para lidar com a sofrimento, promovendo alguma resiliência emocional (Brown et al., 2021). Desta forma, pessoas com alta diferenciação emocional negativa tendem a escolher estratégias de regulação emocional mais adaptativas após eventos stressantes, como a reavaliação cognitiva (*reframing*), enquanto indivíduos com baixa diferenciação emocional negativa recorrem a estratégias menos eficazes, como a supressão emocional (Brown et al., 2021).

A regulação emocional envolve muitas estratégias, aplicadas em diferentes pontos do processo emocional. Este é um processo dinâmico, aprendido e altamente contextual. O autor Gross (1998) propõem o Modelo Processual de Regulação Emocional, como um modelo cronológico que descreve cinco pontos no processo emocional onde a regulação pode ocorrer: (1) quando se escolhe enfrentar ou evitar determinada situação; (2) quando se tenta modificar a situação para alterar o seu impacto emocional; (3) quando se procura redirecionar a atenção – usando a estratégia da distração intencional; (4) quando se faz uma reavaliação cognitiva da situação; ou (5) quando se altera a resposta emocional diretamente – isto é, supressão do choro ou expressão facial. Estas estratégias são divididas em duas categorias: as estratégias focadas em antecedentes (pontos 1 a 4), que são as que acontecem antes da resposta emocional ser

completamente gerada, e a estratégia focada na resposta (ponto 5), que ocorre após a resposta emocional ter sido processada (Gross, 1998).

A regulação emocional é aprendida ao longo da infância, e normalmente é mediada por pais e cuidadores. Por isso, a regulação emocional pode ser intrínseca (autorregulada) ou extrínseca (modulada por outros). A reavaliação cognitiva é geralmente considerada mais adaptativa, uma vez que permite o indivíduo alterar a sua experiência emocional antes desta se manifestar por completo. A supressão emocional tende a ser menos eficaz na regulação de emoções, uma vez que não reduz a expressão emocional interna e pode evidenciar custos fisiológicos e sociais (Gross & Thompson, 2007).

A regulação emocional não deve ser interpretada ou avaliada isoladamente, mas sim em função do contexto em que a emoção ocorre. Desta forma, podemos afirmar que a regulação emocional é altamente contextual e flexível. Alguns estudos apontam que emoções mais intensas levam a um uso mais frequente de estratégias desadaptativas, como evitação ou ruminação (Dixon-Gordon et al., 2015).

Os autores Gratz e Roemer (2004) definem a desregulação emocional como a tendência para responder às experiências emocionais com emoções negativas intensas e com estratégias desadaptativas ou ineficazes da regulação. Neste sentido, os mesmos investigadores chegaram à identificação das seis principais dimensões da dificuldade em regular emoções: (1) a rejeição ou julgamento das próprias respostas emocionais; (2) a dificuldade em se envolver em tarefas ou situações que envolvem uma forte carga emocional; (3) a tendência para a impulsividade em estados emocionais intensos; (4) a falta de consciência emocional; (5) o acesso limitado a estratégias de regulação emocional; e (6) a dificuldade em identificar e compreender as suas próprias emoções (Gratz & Roemer, 2004). Dificuldades na regulação emocional são frequentemente observadas em indivíduos com traços de psicopatia, nomeadamente nas dimensões da impulsividade e da insensibilidade emocional (Sharp & Vanwoerden, 2015). Neste enquadramento, o modelo de Gratz e Roemer (2004) oferece uma perspetiva abrangente sobre os múltiplos domínios da desregulação emocional, permitindo articular os défices psicopáticos com dificuldades específicas na gestão emocional. Contudo, para além da regulação, importa também considerar a forma como os indivíduos representam e diferenciam internamente as suas experiências emocionais.

Granularidade Emocional

Como evidenciado pela literatura, a experiência emocional envolve competências e habilidades para compreender, experienciar e regular emoções. A granularidade emocional, também designada por diferenciação emocional, refere-se à capacidade de identificar, categorizar e rotular com precisão as próprias emoções (Barrett et al., 2001; Wilson-Mendenhall & Dunne, 2021). A granularidade emocional é desenvolvida, em parte, pelo contato com experiências emocionais variadas (Hoemann et al., 2023). Este conceito representa um nível mais refinado da experiência emocional, e é considerado essencial para a regulação emocional eficaz (Tugade et al., 2004). Assim, a compreensão da granularidade emocional oferece uma ponte entre a forma como sentimos e como reagimos emocionalmente – aspecto particularmente relevante no contexto da psicopatia.

Aqueles que apresentam maior granularidade emocional são capazes de distinguir a raiva de outras emoções também negativas, como o medo, exaustão e solidão. Em contraste, aqueles que apresentem menor granularidade emocional experienciam a tristeza sem conseguirem fazer uma distinção mais precisa e minuciosa (Wilson-Mendenhall & Dunne, 2021).

A habilidade para distinguir diferentes nuances de valências de similaridade das emoções recorrendo a um vocabulário específico dá-se o nome de “granularidade emocional” (Tugade et al., 2004) ou “diferenciação emocional” (Boden et al., 2012). Indivíduos que recorrem a terminologias emocionais mais globais, por norma, tendem a apresentar níveis de granularidade emocional mais baixos (Tan et al., 2022).

Pesquisas recentes indicam que indivíduos com alta granularidade emocional possuem maiores habilidades de regulação emocional e maior resiliência diante de situações de stress quando comparado com indivíduos com baixos níveis de granularidade emocional. Baixa granularidade emocional nos indivíduos, evidencia que estes experienciam as emoções de modo mais difuso e generalizado (Lee et al., 2017).

A diferenciação emocional tem vindo a evidenciar um importante papel na regulação emocional. Indivíduos com baixa diferenciação emocional negativa tendem a experimentar estados emocionais mais globais e confusos, o que prejudica a sua capacidade de escolher e implementar estratégias de regulação apropriadas (Barrett et al., 2001). Por exemplo, alguém que não consiga distinguir entre estar irritado ou ofendido, pode não estar apto para adotar comportamentos ajustados ou abordagens adequadas, específico da estratégia da regulação emocional (Ottenstein, 2020). Da mesma forma que, indivíduos que prestam mais atenção a

estímulos emocionais evidenciando uma maior atividade visual na exploração de estímulos, tendem a apresentar maiores níveis de diferenciação emocional (Potthoff et al., 2023).

As emoções positivas são teorizadas como uma motivação individual para “expandir e construir” os processos cognitivos, de atenção e comportamento. Indivíduos com maior granularidade emocional positiva reportam maior e melhor facilidade em lidar com experiências mais stressantes. A granularidade emocional positiva pode ainda apresentar benefícios em termos de relações sociais, uma vez que o indivíduo pode evidenciar maior empatia e compreensão do estado emocional dos outros e isso facilita a comunicação interpessoal. Da mesma forma, indivíduos com elevada diferenciação emocional estão mais capazes para categorizar e reconhecer com precisão as expressões faciais dos outros (Tan et al., 2022).

Deficiências na granularidade emocional podem refletir disfunções no processamento semântico e no autocontrole, uma vez que este processo emocional depende de processos cognitivos complexos, como a linguagem, a memória e a atenção (Lukic et al., 2023). Indivíduos que reconhecem uma maior variedade de palavras para definir a mesma emoção (ex. raiva) têm mais facilidade em sentir raiva de uma forma mais apropriada e detalhada, do que indivíduos que só reconhecem essa palavra. Ou seja, a granularidade emocional pode ser medida pela riqueza do vocabulário emocional utilizado. A riqueza deste mesmo vocabulário também é mais diversificado e detalhado se a experiência emocional for igualmente rica (Ikeda, 2023).

Segundo Hoemann e colaboradores (2021) para além dos indivíduos com elevada granularidade emocional serem capazes de fazer distinções mais minuciosas sobre as suas próprias emoções e experiências emocionais, estes apresentam também um maior número de padrões de atividade fisiológica (mesmo em repouso) e esses padrões são mais distintos (durante eventos emocionais).

Tendo em conta que a psicopatia está associada a défices de perceção e resposta emocional (Dawel et al., 2012; Marsh, 2013), a investigação da granularidade emocional nesses indivíduos poderá clarificar se a sua insensibilidade resulta de um défice generalizado ou de uma menor capacidade de diferenciação emocional. A granularidade emocional pode ser um mediador crítico entre os traços de psicopatia e as dificuldades na regulação emocional

Psicopatia e Processo Emocional

A visão clássica sustenta a hipótese de que indivíduos com traços psicopáticos apresentam défices específicos para as expressões de medo e tristeza, mas preservam o

reconhecimento de outras emoções, como a raiva, felicidade ou surpresa. Porém, ao longo de várias investigações, concluiu-se que a psicopatia está, na verdade, associada a um déficit emocional mais generalizado (Dawel et al., 2012).

A modulação do reflexo do sobressalto normalmente aumenta mediante estímulos negativos (ameaçadores) e diminui com estímulos positivos. Esta resposta é considerada automática e ligada à amígdala – um núcleo cerebral crucial no processamento emocional. O que as evidências científicas nos provam é que, em indivíduos com níveis mais elevados de traços de psicopatia, não existe esta modulação emocional; a resposta emocional ao sobressalto é a mesma, independentemente da emoção que seja evocada (positiva vs. negativa) (Patrick et al., 1993). A amígdala apresenta um papel central nestes processos e, por isso, quando evidenciadas alterações nesta região, algumas falhas no processamento emocional podem ser apontadas. Pessoas com traços de psicopatia mais elevados mostram prejuízos ao reconhecer e reagir ao sofrimento dos outros, isto é, déficit em interpretar expressões de medo e dor, que pode ajudar a explicar parte das dificuldades de empatia e regulação emocional observadas na psicopatia (Ahmed et al., 2018; Marsh, 2013).

Indivíduos com níveis mais elevados de traços de psicopatia, nomeadamente traços afetivo-interpessoais (como frieza emocional), tendem a avaliar expressões emocionais genuínas como menos autênticas do que indivíduos com baixos níveis desses mesmos traços. Estes achados reforçam a hipótese de que a psicopatia envolve défices na cognição social, contribuindo para a sua típica insensibilidade emocional e comportamento manipulador. Além disso, a dificuldade em perceber expressões emocionais genuínas pode ser uma das razões para a dificuldade em criar e estabelecer relacionamentos interpessoais de qualidade e de limitar a capacidade de resposta emocional apropriada (Glenn et al., 2022).

Indivíduos com níveis elevados de psicopatia evidenciam, também, comprometimentos em tarefas verbais, nomeadamente em fluência verbal semântica, memória verbal de trabalho e processamento lexical. Ainda assim, nos indivíduos que exibam um desempenho verbal aparentemente normativo, apresentam dificuldades acentuadas no processamento de conteúdo emocional, revelando uma dicotomia entre a competência linguística e a sensibilidade afetiva (Almeida Brites et al., 2014).

Apesar da sua habilidade manipuladora, segundo estudos de Porter e colaboradores (2011), indivíduos com elevados níveis de traços de psicopatia têm dificuldade em controlar reações faciais automáticas, exibindo mais “*leakage*” – expressões faciais voluntárias e incongruentes com a emoção que tentam transmitir durante a mentira. Desta forma, sugere-se que baixos níveis de inteligência emocional e de regulação emocional, combinados com

elevados níveis de psicopatia, aumentam significativamente a probabilidade de ocorrência de *facial leakage* durante tentativas de manipulação e engano. As expressões incongruentes podem servir como marcadores observáveis da psicopatia (Porter et al., 2011). Outra sugestão de um marcador fisiológico da reação emocional é a resposta pupilar. Apesar de não haver evidência significativa relativamente aos estímulos emocionais positivos ou neutros, há evidências científicas sobre como indivíduos com altos traços de psicopatia apresentam uma menor dilatação pupilar em resposta a estímulos emocionais negativos (ex.: medo, tristeza). Esta resposta pupilar indica uma hiporreatividade ao conteúdo emocional negativo, alinhada aos défices emocionais observados na psicopatia ao longo das últimas décadas (Burley et al., 2019).

No processamento das emoções ainda surge a dúvida se este défice é absoluto ou se depende do foco atencional da pessoa. Os principais achados de Sadeh e colaboradores (2013) indicam que indivíduos com baixos níveis de traços psicopáticos apresentaram uma redução da atividade neuronal em regiões associadas à atenção seletiva quando expostos a rostos tristes — sugerindo que a emoção interfere e desvia a atenção em contextos emocionais. Em contraste, indivíduos com altos níveis de psicopatia exibiram uma interferência emocional significativamente menor, o que aponta para um processamento emocional atenuado, mesmo perante estímulos que normalmente evocam uma resposta emocional. Ou seja, nestes indivíduos, as emoções não captam a atenção nem modulam o processamento cognitivo da mesma forma que ocorre em pessoas com baixos níveis de psicopatia. Estes resultados sugerem que os défices emocionais observados na psicopatia podem decorrer de limitações nos mecanismos atencionais, mais do que de uma insensibilidade emocional total. A dificuldade em processar automaticamente estímulos emocionais pode contribuir para a ausência de empatia e para a escassa responsividade às consequências sociais, frequentemente observadas no comportamento psicopático. Assim, este défice emocional não parece ser absoluto, mas sim dependente do contexto atencional (Glass & Newman, 2009). Ainda assim, pessoas com níveis de traços de psicopatia mais elevados parecem ser “observadores frios” – conseguem perceber estímulos emocionais e prestar atenção a eles, mas não experienciam as respostas emocionais esperadas. Este padrão reforça a hipótese de que a psicopatia envolve uma desconexão entre cognição e emoção, e não um défice percetivo por si só (Levenston et al., 2000). Embora grande parte da investigação sobre psicopatia tenha incidido sobre aspetos comportamentais e interpessoais, é cada vez mais evidente que os défices emocionais constituem um núcleo essencial deste fenómeno.

Neste contexto, torna-se pertinente analisar de que forma os indivíduos com traços psicopáticos experienciam, regulam e expressam emoções. Do ponto de vista da granularidade

emocional, ainda são escassos os estudos que exploram diretamente esta variável em indivíduos com traços psicopáticos. No entanto, é plausível supor que a dificuldade em identificar e nomear estados emocionais contribua para os padrões interpessoais disfuncionais observados nestes indivíduos. A baixa granularidade emocional pode limitar a capacidade de antecipar as consequências emocionais de ações sociais, favorecendo comportamentos impulsivos e insensíveis.

Com base nas evidências apresentadas, o presente estudo tem como objetivo investigar a associação entre os traços de psicopatia — operacionalizados através das subescalas do modelo Triárquico (*Meanness*, *Boldness* e *Disinhibition*) — e o processamento emocional, nomeadamente a granularidade emocional, a expressividade e a regulação emocional. O plano de estudo, incluindo hipóteses e métodos de análise, foi previamente registado na plataforma *Open Science Framework* (<https://osf.io/c6d2x>), garantindo maior transparência e rigor metodológico. Neste sentido, são apresentadas as seguintes hipóteses:

H1: Indivíduos que apresentam maiores níveis de *Disinhibition*, *Boldness* e/ou *Meanness* terão menor granularidade emocional.

H2: Os traços de psicopatia, especialmente a *Disinhibition*, estarão negativamente associados à regulação emocional eficaz.

H3: Traços de *Boldness* e *Meanness* estão associados a níveis mais baixos de expressividade emocional.

H4: A capacidade de diferenciar emoções (granularidade emocional) medeia a relação entre traços de psicopatia e dificuldades na regulação emocional.

Método

Amostra

Um dos objetivos deste estudo é a exploração das dimensões da psicopatia em populações não clínicas. Desta forma, os participantes fazem parte de uma amostra comunitária com idade superior a 18 anos, de modo a poderem dar o seu consentimento informado, não tendo sido imposto quaisquer limites de idade (Maes & Brazil, 2015; Marchegiani et al., 2018).

Foram 110 os participantes que fizeram parte deste estudo, mas apenas 109 indivíduos foram considerados, uma vez que um dos inquiridos respondeu de forma errada a um dos itens de verificação de atenção. Dos 109 participantes, 80 identificam-se com género feminino (73,4%), 23 com género masculino (21,1%) e 6 com o género não-binário (5,5%). A idade dos participantes varia entre os 18 e os 53 anos de idade ($M = 24.72$, $DP = 7.39$).

Relativamente ao grau de escolaridade, 1 participante (0,9%) concluiu o 1º Ciclo do ensino básico, 3 participantes (2,8%) o 3º Ciclo, 37 participantes (33,9%) o Ensino Secundário (ou equivalente), 34 participantes (31,2%) possuem uma Licenciatura, 29 participantes (26,6%) possuem Mestrado e 5 participantes (4,6%) possuem Doutoramento.

Material

Triarchic Psychopathy Measure (TriPM; Patrick, 2010; versão traduzida e adaptada para contexto português; Paiva et al., 2020). Este instrumento baseia-se no modelo triárquico da psicopatia proposto por Patrick, Fowles e Krueger (2009). É composto por 58 itens que compõem as três subescalas: *Disinhibition* (20 itens), *Boldness* (19 itens) e *Meanness* (19 itens). Para cada um destes itens o participante manifesta-se dentro de uma escala do tipo Likert, com quatro possibilidades de resposta (verdadeiro; moderadamente verdadeiro; moderadamente falso; e falso). A adaptação da TriPM para a população portuguesa registou bons resultados de consistência interna, tanto as suas subescalas *Disinhibition* com um alfa de Cronbach de .81, *Boldness* de .82 e *Meanness* de .85, como na escala total, que exibiu um alfa de .86.

Escala de Avaliação do Repertório e Capacidade de Diferenciação Emocional (EARCDE; *Range and Differentiation of Emotional Experience Scale*, Kang & Shaver, 2004). Adaptada para contexto português por Vaz e Martins (2008), esta escala é constituída por 14 afirmações que são respondidas de acordo com uma escala de Likert de 7 pontos (1 - “Nada característico” a 7 - “Muito característico”). A adaptação desta escala evidenciou um alfa de

Cronbach de .82 para a subescala Diferenciação Emocional e de .63 para a subescala Repertório Emocional. O alfa relativo à escala total foi de .80 (Vaz e Martins, 2008).

Questionário de Regulação Emocional (QRE; *Emotion Regulation Questionnaire*, Gross & John, 2003; versão portuguesa de Vaz e Martins, 2008). Este questionário de autorrelato é constituído por 10 afirmações, que se distinguem por 6 destas avaliarem a Reavaliação cognitiva e, as outras 4 afirmações, a Supressão Emocional dos inquiridos. Todos os itens deste questionário são respondidos com base numa escala de Likert de 7 pontos (1 - “Discordo totalmente” a 7 - “Concordo totalmente”). Através do cálculo do alfa de Cronbach, a análise da consistência interna revelou valores de .76 para a subescala Reavaliação Cognitiva e .65 para a subescala Supressão Emocional. Os autores consideram que ambas as escalas apresentam níveis aceitáveis de homogeneidade (Vaz e Martins, 2008).

Escala de Expressividade Emocional (EEE; *Emotional Expressivity Scale*; EES; Kring et al. 1994), traduzida e adaptada por Dinis, Gouveia e Xavier (2011) para o contexto português, é um instrumento de autorrelato que tem como finalidade avaliar o grau com que os sujeitos exteriorizam as suas emoções, independentemente da sua valência emocional. Para cada uma das 17 afirmações, os sujeitos respondem de acordo com uma escala de Likert de 6 pontos (1 - “nunca verdadeiro” a 6 - “sempre verdadeiro”). A versão portuguesa desta escala evidenciou valores elevados de consistência interna para o total e para cada item, indicando uma boa fidedignidade do instrumento ($\alpha = .89$) (Dinis et al., 2011)

Inventário do Processo Emocional (IPE; Paço, 2017). Este inventário é composto por 10 situações quotidianas, das quais 5 são situações de segurança/aproximação e as outras 5 são situações de perigo/afastamento, segundo as quais o participante deverá ponderar e seleccionar duas emoções que cada situação lhe desperta (emoção A e emoção B). Posteriormente, para cada uma das emoções seleccionadas deverá classificar, numa escala de Likert de 6 pontos, a valência da emoção escolhida (de 1 – Muito Desagradável a 6 – Muito Agradável) e noutra escala de Likert, a intensidade dessa emoção (de 1 – Pouco Intensa a 6 – Muito Intensa). No fim de cada situação, deve também seleccionar, dentro de uma lista de estratégias fornecidas, quais a que utiliza para regular cada uma das emoções. A análise de consistência interna deste inventário apresenta valores mais elevados na subescala composta pelas situações de segurança (ESS), com um alfa Cronbach de .70, sendo que a subescala composta pelas situações de perigo (ESP) apresenta um alfa de .46.

Procedimentos

Este estudo recebeu o parecer favorável da Comissão de Ética da Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade do Porto. A recolha dos dados foi feita através do software LimeSurvey versão 6.14.1 (LimeSurvey GmbH), entre fevereiro de 2025 e março de 2025. Todos os participantes demoraram entre 20 e 30 minutos para responderem ao inquérito na sua totalidade.

O protocolo começava por apresentar o consentimento informado, que teria obrigatoriamente de ser aceite pelos participantes para que pudessem prosseguir no estudo. As escalas psicométricas seguiram a seguinte ordem: *Triarchic Psychopathy Measure* (TriPM), *Questionário de Regulação Emocional* (QRE), *Escala de Expressividade Emocional* (EEE), *Escala de Avaliação do Repertório e Capacidade Diferenciação Emocional* (EARCDE) e *Inventário do Processo Emocional* (IPE), finalizando-se o questionário com o preenchimento dos dados sociodemográficos (idade, género e escolaridade). Com o objetivo de economizar recursos e evitar a ocorrência de *missing values*, todas as questões do questionário foram configuradas de modo a serem de preenchimento obrigatório. O protocolo foi colocado em formato digital e partilhado através de um *link* entre a comunidade académica, via email.

Tendo em conta a extensão do protocolo, pelo número de escalas e itens a serem respondidos pelos participantes, foram adicionados dois itens de verificação de atenção dos sujeitos durante o inquérito. Tendo em conta evidência científica, a cada 50-60 itens foi colocada uma questão para avaliar o fator de atenção dos participantes (Muszyński, 2023). Após o item 55 da TriPM, foi colocada a questão “*Esta questão é somente para verificar a sua atenção. Por favor, selecione a opção - Moderadamente Verdadeiro*” e, no final de todas as escalas psicométricas, depois de todos os itens da EARCDE foi ainda adicionado um segundo item de verificação “*Esta questão é somente para verificar a sua atenção. Por favor, selecione a opção - Um Pouco Característico*”.

As análises estatísticas foram realizadas através do software *Statistical Package for Social Sciences*, versão 28.0 (IBM SPSS Statistics, Chicago, IL). Foram realizadas análises descritivas e análises de confiabilidade (*Alfa de Cronbach*) para a escala TriPM, e as respetivas subescalas (*Boldness*, *Meanness* e *Disinhibition*), para a EARCDE, e subescalas (Repertório Emocional e Diferenciação Emocional), para o QRE, e subescalas (Reavaliação Cognitiva e Supressão Emocional) e para a EEE (Tabela 1). Tal como previsto no Pré-registo do estudo e para testar as hipóteses de investigação (H1, H2 e H3) foram realizadas correlações de Pearson (Tabela 2 a 4). Para além das correlações de Pearson, o Pré-registo também previu, para a H4,

a realização de um modelo de regressão linear, entre as variáveis da TriPM e da Regulação Emocional (QRE) (Tabela 4).

As análises exploratórias do presente estudo excedem aquilo que está em pré-registo. Para examinar se os traços de psicopatia — *Boldness*, *Meanness* e *Disinhibition* — prediziam a Expressividade Emocional (EEE), a Regulação Emocional (QRE) e a Capacidade de Repertório e Diferenciação Emocional (EARCDE) foram realizadas regressões lineares múltiplas (Tabela 5 a 7).

Numa segunda parte da análise exploratória dos dados obtidos e para a codificação das respostas do Inventário do Processo Emocional (IPE), os dados foram inicialmente organizados por participante, considerando duas respostas por variável (emoções, valência, intensidade e estratégia de regulação) para cada uma das dez situações propostas. Cada resposta foi convertida numa pontuação de adaptabilidade com base na frequência relativa da resposta na amostra total. Mais especificamente, para cada variável foi realizada uma análise de frequências no SPSS para identificar a percentagem de participantes que selecionaram cada opção. Essa percentagem foi então atribuída como pontuação de concordância a cada resposta individual, gerando variáveis de pontuação para cada item. Por exemplo, na Situação 1 (*SI*) 76% dos participantes escolheram “Alegria” como emoção A, logo, todos os participantes que também a selecionaram esta opção nesta situação receberam uma pontuação de 0.76, “Prazer” teve uma pontuação de 0.13, “Ansiedade” uma pontuação de 0.06, etc. (cf. Anexo A – Tabela 1 a Tabela 4). Este procedimento foi repetido para as 8 variáveis por situação (2 emoções, 2 valências, 2 intensidades e 2 estratégias), totalizando 80 variáveis de pontuação. Posteriormente, foi calculada uma pontuação média por situação (da *SI* à *SI0*) através da média das oito pontuações correspondentes. Por fim, os índices do IPE foram obtidos: o Índice de Situações de Segurança (ISS) corresponde à média das pontuações totais das situações 1, 2, 6, 7 e 8; o Índice de Situações de Perigo (ISP), às situações 3, 4, 5, 9 e 10; o Índice Global do Processo Emocional (IGPE) resulta da média entre o ISS e o ISP. Estes índices, expressos em valores entre 0 e 1, refletem o grau de ajustamento emocional do participante em comparação com a tendência da amostra.

Resultados

Análise Descritiva

A Tabela 1 apresenta as estatísticas descritivas das variáveis de interesse. Para a TriPM, a EARCDE, o QRE e a EEE foram calculadas as médias, o desvio-padrão e o coeficiente Alfa de Cronbach para avaliar a confiabilidade de cada uma das escalas e respectivas subescalas. Para o IPE também foram calculados estes parâmetros estatísticos, mas para os índices: IGPE, ISS e ISP.

Tabela 1

Análises Descritivas e consistência interna das Variáveis em Estudo (N = 109)

<i>Variáveis</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>Mínimo-Máximo</i>	<i>Alfa de Cronbach</i>
TriPM	47.39	15.18	19-95	.842(*)
Boldness	23.79	8.43	7-51	.819
Meanness	8.84	7.33	0-31	.861
Disinhibition	14.75	7.82	3-43	.817(*)
EARCDE	66.58	15.1	27-98	.909
Repertório Emocional	36.5	8.35	13-49	.881
Diferenciação Emocional	30.07	9.23	7-49	.913
QRE	43.87	8.58	21-63	.707
Reavaliação Cognitiva	27.3	6.53	8-40	.761
Supressão Emocional	16.57	4.32	7-25	.533
EEE	60.93	15.03	29-97	.927
IGPE	.28	.04	.16-.34	.700
ISS	.29	.05	.15-.38	.674
ISP	.28	.04	.15-.34	.546

Nota. TriPM = Triarchic Measure of Psychopathy; EARCDE = Escala de Avaliação do Repertório e Capacidade de Diferenciação Emocional; QRE = Questionário de Regulação Emocional; EEE = Escala de Expressividade Emocional; IGPE = Índice Global do Processo Emocional; ISS = Índice das Situações de Segurança; ISP = Índice das Situações de Perigo.

Valores de referência para Alfa de Cronbach: $\alpha \geq .90$ – excelente; .80–.89 – boa; .70–.79 - aceitável; inferior a .70 - questionável ou inaceitável (Dancey & Reidy, 2017).

(*) Para a análise do Alfa de Cronbach da TriPM, o item 58 foi removido devido à ausência de variabilidade nas respostas.

Análises confirmatórias

– Traços de Psicopatia e Diferenciação Emocional

A Tabela 2 apresenta as Correlações de Pearson entre os traços da TriPM e a subescala de Diferenciação Emocional (DE). Foram encontradas correlações negativas e estatisticamente significativas entre a DE e as subescalas *Meanness* e *Disinhibition*. A correlação entre a DE com a escala TriPM também foi negativa e significativa. Por outro lado, a correlação entre DE e *Boldness* não foi estatisticamente significativa.

Tabela 2.

Correlação entre as variáveis da TriPM e a Diferenciação Emocional (DE) (N=109)

Variáveis	<i>r</i>	<i>p</i>
TriPM	-.21*	.028*
Boldness	.08	.423
Meanness	-.30**	.002**
Disinhibition	-.21*	.026*

Nota. * $p < .05$, ** $p < .01$.

– *Disinhibition* e Regulação Emocional (RE)

Foi analisada a correlação entre *Disinhibition* e Regulação Emocional (medida pelo QRE). A associação foi negativa como previsto, porém, não significativa, não fornecendo suporte estatístico para a hipótese formulada.

Tabela 3.

Correlação entre a TriPM, Disinhibition e a Regulação Emocional (RE) (N=109)

Variáveis	<i>r</i>	<i>p</i>
TriPM	-.13	.173
<i>Disinhibition</i>	-.12	.229

– Traços de Psicopatia e Expressividade Emocional (EE)

A Tabela 4 apresenta as correlações entre os traços de psicopatia e a Expressividade Emocional (EE). Foi encontrada uma correlação negativa e significativa entre *Meanness* e a EEE. As correlações com *Boldness* e *Disinhibition* não foram estatisticamente significativas.

Tabela 4.

Correlação (de Pearson) entre as variáveis da TriPM e a Expressividade Emocional (EE) (N=109)

<i>Variáveis</i>	<i>r</i>	<i>p</i>
<i>TriPM</i>	-.11	.273
<i>Boldness</i>	.11	.254
<i>Meanness</i>	-.26**	.006**
<i>Disinhibition</i>	-.08	.384

Nota. ** $p < .01$.

– Análise de Mediação: Psicopatia, Diferenciação Emocional e Regulação Emocional

A hipótese de que a Diferenciação Emocional (DE) mediar a relação entre os traços de psicopatia (TriPM) e a Regulação Emocional (RE) foi rejeitada. Dado que não houve efeito direto significativo entre a TriPM total e a regulação emocional (Tabela 3), não se procedeu à análise de mediação.

Análise Exploratória

– Previsão da Expressividade Emocional

Foi realizada uma regressão linear múltipla para examinar se os traços de psicopatia — *Boldness*, *Meanness* e *Disinhibition* — predizem a Expressividade Emocional (EEE). Esta análise excede aquilo que o Pré-registo previa na análise dos resultados.

O modelo geral da regressão é estatisticamente significativo [$F(3, 105) = 3.70$, $p = .014$], indicando que os traços da TriPM explicam uma parte significativa da variância da expressividade emocional. O modelo explicou 9.6% ($R^2 = .096$) da variância total da variável dependente. *Meanness* é o único preditor significativo, com um efeito negativo significativo sobre a EEE.

Tabela 5.

Regressão linear múltipla entre a Escala da Expressividade Emocional (EEE) e a Boldness, Meanness e Disinhibition (N=109)

<i>Variável</i>	<i>B</i>	β	<i>t</i>	<i>p</i>
<i>Boldness</i>	.30	.17	1.70	.092
<i>Meanness</i>	-.70	-.34	-3.04	.003**
<i>Disinhibition</i>	.26	.13	1.16	.251

Nota. Variável Dependente = Escala da Expressividade Emocional (EEE); ** $p < .01$

– Previsão da Regulação Emocional

Foi realizada uma regressão linear múltipla para examinar se os traços de psicopatia — *Boldness*, *Meanness* e *Disinhibition* — predizem a Regulação Emocional (QRE).

O modelo geral da regressão não é estatisticamente significativo [$F(3, 105) = .839, p = .475$]. Nenhum preditor se evidenciou estatisticamente significativo sobre a regulação emocional.

Tabela 6.

Regressão linear múltipla entre o Questionário da Regulação Emocional (QRE) e a Boldness, Meanness e Disinhibition (N=109)

<i>Variável</i>	<i>B</i>	β	<i>t</i>	<i>p</i>
<i>Boldness</i>	-.11	-.11	-1.03	.304
<i>Meanness</i>	.03	.02	.2	.843
<i>Disinhibition</i>	-.16	-.15	-1.26	.211

Nota. Variável Dependente = Questionário da Regulação Emocional (QRE).

– Previsão do Repertório e da Capacidade de Diferenciação Emocional

Foi realizada uma regressão linear múltipla para examinar se os traços de psicopatia — *Boldness*, *Meanness* e *Disinhibition* — predizem o Repertório e a Capacidade de Diferenciação Emocional (EARCDE).

O modelo geral da regressão é estatisticamente significativo [$F(3, 105) = 5,45, p = .002$], indicando que os traços da TriPM explicam uma parte significativa da variância da expressividade emocional. O modelo explicou 13.5% ($R^2 = .135$) da variância total da variável dependente. *Meanness* é o único preditor significativo, com um efeito negativo significativo sobre a EARCDE.

Tabela 7.

Regressão linear múltipla entre a Escala de Avaliação do Repertório e da Diferenciação Emocional (EARCDE) e a Boldness, Meanness e Disinhibition (N=109)

<i>Variável</i>	<i>B</i>	β	<i>t</i>	<i>p</i>
<i>Boldness</i>	.23	.13	1.37	.175
<i>Meanness</i>	-.82	-.4	-3.59	<.001
<i>Disinhibition</i>	.15	.08	.67	.504

Nota. Variável Dependente = Escala de Avaliação do Repertório e da Diferenciação Emocional (EARCDE).

- Inventário do Processo Emocional

A análise descritiva dos dados relativos à distribuição das emoções, estratégias de regulação emocional, valência e intensidade emocional, de acordo com o tipo de situação (Situações de Segurança e Situações de Perigo), encontra-se apresentada em detalhe no Anexo A, acompanhada das Tabelas A1 a A5. Este anexo complementa a análise quantitativa e permite uma melhor compreensão das tendências observadas nas respostas dos participantes, que estão em concordância com os resultados obtidos no estudo original (Paço, 2017).

A análise das múltiplas correlações de Pearson (Tabela 8) revelou padrões robustos entre os traços de personalidade psicopática, as competências emocionais e as estratégias de regulação emocional. Observou-se que o traço de *Meanness* se associa negativamente ao ISS e ao IGPE. Em contraste, competências emocionais como o repertório emocional (RE) e a EARCDE apresentam correlações positivas com estratégias adaptativas, como a expressividade emocional (EEE) e com o ISP e o IGPE. A DE e o QRE evidenciam uma relação positiva significativa com a EEE.

Tabela 8.*Correlações de Pearson das variáveis em Estudo (N=109)*

	<i>Meanness</i>	<i>Disinhibition</i>	<i>TriPM</i>	<i>RE</i>	<i>DE</i>	<i>EARCDE</i>	<i>ReCog</i>	<i>SupEmo</i>	<i>QRE</i>	<i>EEE</i>	<i>ISS</i>	<i>ISP</i>	<i>IGPE</i>
<i>Boldness</i>	-.03	-.28**	.57***	.09	.15	.16	-.03	-.06	-.05	.13	.04	-.13	-.01
<i>Meanness</i>		.46**	.63***	-.23*	-.25**	.26**	-.12	.13	-.02	-.27**	-.37***	-.26**	-.38***
<i>Disinhibition</i>			.48***	-.01	-.16	-.09	-.07	-.01	-.03	-.14	-.32**	-.02	-.25*
<i>TriPM</i>				-.07	-.10	-.07	-.15	.01	-.09	-.1	-.3**	-.21*	-.31**
<i>RE</i>					.51**	.84**	-.03	-.22*	-.12	.41***	.27**	.36***	.39***
<i>DE</i>						.88**	.16	-.13	.05	.36***	.25**	.21*	.32**
<i>EARCDE</i>							.08	-.2*	-.04	.45***	.29**	.33***	.41***
<i>ReCog</i>								.24*	.86***	-.09	.24*	.002	.15
<i>SupEmo</i>									.67***	-.75***	.02	.04	.01
<i>QRE</i>										-.43***	.18	.001	.1
<i>EEE</i>											.17	.1	.2*
<i>ISS</i>												.31***	.85***
<i>ISP</i>													.75***

Nota: TriPM = Triarchic Measure of Psychopathy; RE = Repertório Emocional; DE = Diferenciação Emocional; EARCDE = Escala de Avaliação do Repertório e Capacidade de Diferenciação Emocional; ReCog = Reavaliação Cognitiva; SupEmo = Supressão Emocional; QRE = Questionário de Regulação Emocional; EEE = Escala de Expressividade Emocional; ISS = Índice das Situações de Segurança; ISP = Índice das Situações de Perigo; IGPE = Índice Global do Processo Emocional. * $p < .05$, ** $p < .01$.

*Esta tabela apresenta comparações múltiplas entre todas as escalas, subescalas e inventário usados nesta investigação; como é um número elevado de testes realizados sem hipóteses pré-planeadas na tentativa de estabelecer quaisquer resultados que possam ser significativos, fez-se uma correção Bonferroni com valor *** $p < .0000549451$; a negrito encontram-se as significâncias estatísticas dentro desta correção.* (Armstrong, 2014).

Discussão

O presente estudo teve como objetivo investigar a associação entre os traços de psicopatia — operacionalizados através das subescalas do modelo Triárquico (*Meanness*, *Boldness* e *Disinhibition*) — e o processamento emocional, nomeadamente a granularidade emocional, a expressividade e a regulação emocional. O estudo é desenvolvido para avaliar a presença de traços de psicopatia numa amostra da população comunitária, de modo a compreender como estes traços prevalecem e, ao mesmo tempo, se relacionam com alguns dos processos emocionais.

Os resultados deste estudo indicam que as escalas utilizadas para avaliar a psicopatia (TriPM), o repertório e diferenciação emocional (EARCDE), a regulação emocional (QRE) e a expressividade emocional (EEE) apresentaram, na sua maioria, níveis satisfatórios de consistência interna, o que reforça a confiabilidade dos instrumentos para a amostra estudada. A TriPM e os seus subfatores demonstraram boa confiabilidade, corroborando estudos prévios que apontam a robustez desse instrumento na mensuração das dimensões da psicopatia (Patrick et al., 2009). A EARCDE e a EEE também apresentaram excelentes índices de consistência interna, sugerindo que as medidas de capacidades emocionais e expressividade são adequadas para avaliar o funcionamento emocional dos participantes. Não obstante, a subescala Supressão Emocional do QRE apresentou baixa consistência interna, indicando possíveis limitações na sua aplicação neste contexto. Tal resultado pode estar relacionado à complexidade do constructo, à supressão emocional, que envolve diferentes aspetos comportamentais e cognitivos, ou ainda por esta subescala ser avaliada por apenas quatro itens e por possíveis questões culturais e de tradução dos mesmos (Gross & Thompson, 2007). Desta forma, para análises estatísticas, o QRE foi apenas recurso enquanto uma escala global.

Os resultados deste estudo permitiram explorar a relação entre os traços de psicopatia, definidos segundo o Modelo Triárquico (Patrick et al., 2009) e as competências emocionais — a granularidade emocional, a expressividade emocional e a regulação emocional. De modo geral, os achados sustentam parcialmente as hipóteses formuladas em pré-registo e contribuem para uma compreensão mais detalhada da forma como as dimensões da psicopatia se relacionam com o funcionamento emocional.

A primeira hipótese (H1) previa que níveis mais elevados de *Boldness*, *Meanness* e/ou *Disinhibition* estariam associados a uma menor granularidade emocional. Os resultados confirmaram esta previsão para as dimensões *Meanness* e *Disinhibition*, revelando correlações negativas e significativas com a Diferenciação Emocional. Este dado corrobora a literatura que

sugere que indivíduos com traços de psicopatia tendem a apresentar défices no processamento emocional, nomeadamente, no reconhecimento e distinção de emoções negativas, como medo e tristeza (Ahmed et al., 2018; Dawel et al., 2012). A ausência de associação com a dimensão *Boldness* pode dever-se ao seu carácter mais adaptativo, frequentemente associado à resiliência emocional e à autoconfiança (Patrick et al., 2009), sendo menos impactante na capacidade de discriminação emocional.

Relativamente à segunda hipótese (H2), que postulava uma associação negativa entre *Disinhibition* e a Regulação Emocional, os dados obtidos não evidenciam uma correlação estatisticamente significativa. Embora a direção da relação tenha seguido o padrão esperado, a ausência de significância sugere que, neste estudo, a impulsividade e a desinibição associadas à psicopatia não foram suficientemente preditivas de estratégias ineficazes de regulação emocional. Uma possível explicação poderá residir na natureza dimensional e heterogénea da psicopatia, em que diferentes subtipos ou combinações de traços modulam os efeitos sobre o funcionamento emocional (Sharp & Vanwoerden, 2015; Skeem et al., 2011).

A terceira hipótese (H3) previa que níveis mais elevados de *Boldness* e *Meanness* estariam associados a uma menor expressividade emocional. A Correlação de Pearson evidenciou que *Meanness* foi o único preditor significativo, com uma relação negativa robusta. Isto vai ao encontro da literatura que associa este traço a frieza emocional, insensibilidade e menor empatia (Glenn et al., 2022; Marsh, 2013). Já a ausência de associação significativa entre *Boldness* e Expressividade Emocional pode refletir a complexidade deste traço, que envolve ousadia, mas não necessariamente uma redução na expressão emocional (Patrick et al., 2009).

A última hipótese de investigação (H4) – que sugeria que a granularidade emocional mediática a relação entre traços de psicopatia e regulação emocional – não foi confirmada. A ausência de um efeito direto entre psicopatia e regulação emocional impediu a verificação formal da mediação. No entanto, este resultado não invalida o possível papel modulador da granularidade emocional, apenas reforça a necessidade de modelos mais complexos, que integrem variáveis contextuais e disposicionais adicionais. A literatura recente salienta, ainda, que a granularidade emocional não atua isoladamente, mas em interação com fatores como a intensidade emocional, estratégias prévias de *coping*, ou apoio social (Barrett et al., 2001; Brown et al., 2021).

Enquanto análise exploratória, verifica-se que o traço *Meanness* desempenha um papel preponderante nas competências emocionais, destacando-se como preditor negativo da expressividade emocional (EEE) e da capacidade de repertório e de diferenciação emocional (EARCDE). Este padrão confirma evidências anteriores que associam *Meanness* à frieza afetiva

e à insensibilidade, comprometendo tanto a capacidade de exprimir emoções como a sofisticação na sua identificação e discriminação interpessoal (Burley et al., 2019; Dawel et al., 2012). Por outro lado, o traço de *Boldness*, embora associado a coragem e resistência ao stress (Patrick et al., 2009), não se revelou um preditor significativo em nenhum dos modelos, embora tenha demonstrado uma tendência positiva na EEE. Este resultado está em consonância com estudos que apontam para a complexidade funcional da *Boldness*, sugerindo que pode coexistir com padrões de ajustamento adaptativo, sobretudo em contextos sociais que valorizam a assertividade e a autoconfiança (Almeida et al., 2015; Marsh, 2013).

A ausência de efeitos significativos na previsão da Regulação Emocional (QRE) poderá ser compreendida à luz das limitações das medidas de autorrelato na captura de processos de regulação automáticos e contextualmente modulados (Gratz & Roemer, 2004; Gross, 1998). Esta dificuldade metodológica é especialmente relevante no caso de indivíduos com traços psicopáticos, cuja autoconsciência emocional pode ser enviesada (Ahmed et al., 2018; Cleckley, 1988).

Os resultados obtidos no Inventário do Processo Emocional (IPE) reforçam a validade da categorização das situações em termos de valência e intensidade emocional. Em conformidade com os modelos de avaliação cognitiva (Barrett, 2006; Reisenzein & Hofmann, 1993), as Situações de Segurança foram associadas a emoções de valência positiva e estratégias de expressão e partilha, enquanto as Situações de Perigo/Afastamento evocaram emoções negativas e estratégias de evitamento ou supressão. Esta distinção sustenta a ideia de que a valência emocional influencia diretamente a escolha das estratégias de regulação, como defendido por Dixon-Gordon et al. (2015) e Gross & Thompson (2007). Estes resultados ainda revelaram padrões consistentes com a literatura existente sobre o processamento emocional em indivíduos com diferentes níveis de traços psicopáticos.

As correlações negativas significativas entre o traço *Meanness* com os índices derivados do IPE (ISS e IGP) indicam que indivíduos com níveis mais elevados destes traços experienciam emoções de forma menos diferenciada e com menor envolvimento afetivo. Estes resultados sustentam a hipótese de que os défices emocionais associados à psicopatia não se restringem apenas ao reconhecimento de emoções nos outros, mas estendem-se à forma como as próprias emoções são experienciadas, avaliadas e reguladas (Dawel et al., 2012; Marsh, 2013). A forte correlação negativa entre *Meanness* e os índices do processo emocional evidencia a disfunção afetiva global associada a este traço, impactando negativamente tanto a valência quanto a intensidade emocional percebida. Este padrão apoia a tese de que os indivíduos com maior *Meanness* apresentam menor envolvimento afetivo e empático (Glenn et al., 2022;

Vasconcellos et al., 2014), refletindo dificuldades na codificação, expressão e regulação da experiência emocional.

Importa ainda considerar algumas limitações do presente estudo. O desenho correlacional não permite inferências causais e a utilização exclusiva de medidas de autorrelato pode ter suscitado enviesamentos na percepção e na descrição dos estados emocionais e traços de personalidade. A consideração do desenho de estudos longitudinais neste contexto pode ser fundamental para compreender a evolução destas relações ao longo do tempo, especialmente considerando a estabilidade dos traços psicopáticos (Patrick et al., 2009). Além disso, a utilização exclusiva de medidas de autorrelato pode ter introduzido enviesamentos relacionados com a desejabilidade social ou com a limitada consciência emocional dos participantes — um aspeto particularmente relevante em indivíduos com traços marcados de *Meanness* ou *Disinhibition* (Ahmed et al., 2018; Cleckley, 1988). A ausência de variabilidade nas respostas do item 58 da escala da TriPM deve ser tido em conta enquanto uma limitação na análise dos dados, uma vez que esta limitação também poderá estar associada a uma desejabilidade social.

Outra limitação deste estudo refere-se à ausência de aleatorização na ordem de apresentação das escalas psicométricas durante a administração do questionário. Embora esta aleatorização tivesse sido considerada no pré-registo do estudo, a inclusão de itens de verificação de atenção dificultou a sua implementação, uma vez que era necessário garantir um número equilibrado de itens entre esses pontos de verificação. Como resultado, todos os participantes responderam às escalas na mesma ordem, o que pode ter introduzido vieses relacionados à ordem de apresentação, como efeitos de fadiga ou primazia. Essa limitação deve ser considerada na interpretação dos resultados, uma vez que a ordem fixa pode ter influenciado as respostas dos participantes.

A amostra, embora adequada em tamanho, apresentou um desequilíbrio de género que pode ter influenciado alguns resultados. Futuras investigações poderão beneficiar da integração de medidas comportamentais e fisiológicas, como análise facial automatizada ou resposta pupilar, que se têm revelado eficazes na identificação de marcadores objetivos de psicopatia (Burley et al., 2019; Porter et al., 2011).

Este estudo apresenta ainda uma limitação significativa relacionada ao uso do Inventário de Processo Emocional (IPE; Paço, 2017), o qual possui apenas uma versão e carece de validação adicional através de estudos adicionais para demonstrar sua eficácia na medição proposta. Apesar de ser um instrumento bastante completo que enquadra uma atribuição de emoções, a atribuição da *valência* e *intensidade* dessas mesmas emoções e estratégias de regulação, o facto de haver uma ausência na definição de hipóteses para os resultados deste

inventário pode ter restringido a avaliação abrangente da granularidade emocional. Em futuras pesquisas desta natureza, a inclusão de questões qualitativas pode ser recomendável para uma discriminação mais precisa entre os participantes. O recurso a diários emocionais para avaliar a diversidade da experiência emocional do quotidiano podem ser um meio recomendado para se examinar a relação entre tamanho do vocabulário emocional, a granularidade emocional e os níveis dos traços da psicopatia (Hoemann et al., 2023; Ikeda, 2023)

Este estudo reforça a ideia de que determinados traços de psicopatia – especialmente *Meanness* e *Disinhibition* – estão associados a défices na diferenciação emocional e na expressividade, contribuindo para a compreensão da psicopatia como um fenómeno que envolve processamento emocional e empatia comprometidos. No entanto, a ausência de efeitos significativos sobre a regulação emocional sugere caminhos de investigação futuros, especialmente no que tange a possíveis variáveis mediadoras e moderadoras. O estudo também contribui para a compreensão das nuances emocionais das dimensões da psicopatia, reafirmando que não se trata de um constructo monolítico, mas de um perfil multifacetado e heterogéneo com impactos distintos no funcionamento emocional.

Conclusão

O presente estudo procurou aprofundar a relação entre os traços de psicopatia e competências emocionais específicas – granularidade emocional, regulação emocional e expressividade emocional – numa amostra comunitária.

Sustentado pelo Modelo Triárquico da Psicopatia (Patrick et al., 2009), os resultados evidenciaram que os traços de *Meanness* e *Disinhibition* se associam negativamente à diferenciação emocional, reforçando a hipótese de que indivíduos com maior propensão a comportamentos frios, insensíveis ou impulsivos possuem dificuldades em discriminar emoções de forma precisa.

A expressividade emocional revelou-se também impactada pelo traço de *Meanness*, indicando que a insensibilidade afetiva contribui para uma menor manifestação externa das emoções. No entanto, *Boldness* não demonstrou associações significativas com as variáveis emocionais estudadas, o que parece corroborar a sua natureza mais adaptativa ou neutra dentro do perfil psicopático.

A hipótese de que a granularidade emocional mediática a relação entre traços de psicopatia e regulação emocional não foi confirmada, sugerindo que a relação entre estas variáveis poderá ser mais complexa do que inicialmente previsto, possivelmente modulada por fatores contextuais ou disposicionais não contemplados no presente estudo.

Apesar das limitações discutidas, esta dissertação oferece contributos importantes para a compreensão dos impactos emocionais associados à psicopatia em contextos não clínicos. Adicionalmente, abre caminho para investigações futuras que integrem métodos multimodais de avaliação e abordagens longitudinais, capazes de aprofundar o conhecimento sobre os mecanismos emocionais subjacentes à psicopatia.

Referências

- Ahmed, S. P., Hodson, S., Dalton, P., & Sebastian, C. L. (2018). Emotional capture by fearful expressions varies with psychopathic traits. *Cognition & emotion*, 32(1), 207–214. <https://doi.org/10.1080/02699931.2016.1278358>
- Almeida Brites, J., Ladera, V., Perea, V., & García, R. (2015). Verbal Functions in Psychopathy. *International journal of offender therapy and comparative criminology*, 59(14), 1536–1549. <https://doi.org/10.1177/0306624X14545608>
- Armstrong, R. A. (2014). When to use the Bonferroni correction. *Ophthalmic and Physiological Optics*, 34(5), 502–508. <https://doi.org/10.1111/opo.12131>
- Barrett, L. F. (2004). Feelings or Words? Understanding the Content in Self-Report Ratings of Experienced Emotion. *Journal of Personality and Social Psychology*, 87(2), 266–281.
- Barrett, L. F. (2006). Solving the Emotion Paradox: Categorization and the Experience of Emotion. *Personality and Social Psychology Review*, 10(1), 20–46. https://doi.org/10.1207/s15327957pspr1001_2
- Barrett, L. F. (2012). Emotions are real. *Emotion (Washington, D.C.)*, 12(3), 413–429. <https://doi.org/10.1037/a0027555>
- Barrett, L. F., Gross, J., Christensen, T. C., & Benvenuto, M. (2001). Knowing what you're feeling and knowing what to do about it: Mapping the relation between emotion differentiation and emotion regulation. *Cognition and Emotion*, 15(6), 713–724. <https://doi.org/10.1080/02699930143000239>
- Boden, M. T., Thompson, R. J., Dizén, M., Berenbaum, H., & Baker, J. P. (2012). Are emotional clarity and emotion differentiation related? *Cognition and Emotion*, 27(6), 961–978. <https://doi.org/10.1080/02699931.2012.751899>
- Brown, B. A., Goodman, F. R., Disabato, D. J., Kashdan, T. B., Armeli, S., & Tennen, H. (2021). Does negative emotion differentiation influence how people choose to regulate their distress after stressful events? A four-year daily diary study. *Emotion (Washington, D.C.)*, 21(5), 1000–1012. <https://doi.org/10.1037/emo0000969>
- Burgin, C. J., Brown, L. H., Royal, A., Silvia, P. J., Barrantes-Vidal, N., & Kwapił, T. R. (2012). Being with others and feeling happy: Emotional expressivity in everyday life. *Personality and individual differences*, 53(3), 185–190. <https://doi.org/10.1016/j.paid.2012.03.006>

- Burley, D. T., Gray, N. S., & Snowden, R. J. (2019). Emotional modulation of the pupil response in psychopathy. *Personality Disorders: Theory, Research, and Treatment*, 10(4), 365–375. <https://doi.org/10.1037/per0000313>
- Cleckley, H. (1988). *The mask of sanity: An attempt to clarify some issues about the so-called psychopathic personality* (5th ed.). Augusta, GA: Emily S. Cleckley.
- Coid, J., Yang, M., Ullrich, S., Roberts, A., & Hare, R. D. (2009). Prevalence and correlates of psychopathic traits in the household population of Great Britain. *International journal of law and psychiatry*, 32(2), 65–73. <https://doi.org/10.1016/j.ijlp.2009.01.002>
- Dancey, C. P., & Reidy, J. (2017). *Statistics Without Maths for Psychology* (7th ed.). Pearson/Prentice Hall.
- Dawel, A., O'Kearney, R., McKone, E., & Palermo, R. (2012). Not just fear and sadness: meta-analytic evidence of pervasive emotion recognition deficits for facial and vocal expressions in psychopathy. *Neuroscience and biobehavioral reviews*, 36(10), 2288–2304. <https://doi.org/10.1016/j.neubiorev.2012.08.006>
- Dinis, A., Gouveia, J. P., & Xavier, A. (2011). Estudo das Características Psicométricas da Versão Portuguesa da Escala de Expressividade Emocional. *Psychologica*, 54, 111–137. https://doi.org/10.14195/1647-8606_54_5
- Dixon-Gordon, K. L., Aldao, A., & De Los Reyes, A. (2015). Emotion regulation in context: Examining the spontaneous use of strategies across emotional intensity and type of emotion. *Personality and Individual Differences*, 86, 271–276. <https://doi.org/10.1016/j.paid.2015.06.011>
- Dobbs, J. L., Sloan, D. M., & Karpinski, A. (2007). A psychometric investigation of two self-report measures of emotional expressivity. *Personality and Individual Differences*, 43(4), 693–702. <https://doi.org/10.1016/j.paid.2007.01.010>
- Esteves, F. (2022). Emoção. In T. M. Baptista & D. D. Neto (Eds.), *Dicionário de Psicologia* (pp. 172–173). Edições Sílabo.
- Filho, N. H., Pereira Teixeira, M. A., & Garcia Dias, A. C. (2009). Psicopatia: o construto e sua avaliação. *Avaliação Psicológica*, 8(3), 337–346.
- Glass, S. J., & Newman, J. P. (2009). Emotion processing in the criminal psychopath: the role of attention in emotion-facilitated memory. *Journal of abnormal psychology*, 118(1), 229–234. <https://doi.org/10.1037/a0014866>
- Glenn, A. L., Efferson, L. M., Kastner, R. M., Johnson, A. K., & Rummel, R. J. (2022). Psychopathy and the perception of the genuineness of facial

- expressions. *Personality and Individual Differences*, 187, 111439. <https://doi.org/10.1016/j.paid.2021.111439>
- Gratz, K. L., & Roemer, L. (2004). Multidimensional Assessment of Emotion Regulation and Dysregulation: Development, Factor Structure, and Initial Validation of the Difficulties in Emotion Regulation Scale. *Journal of Psychopathology and Behavioral Assessment*, 26(1), 41–54. <https://doi.org/10.1023/b:joba.00000007455.08539.94>
- Gross, J. J. (1998). The Emerging Field of Emotion Regulation: An Integrative Review. *Review of General Psychology*, 2(3), 271-299. <https://doi.org/10.1037/1089-2680.2.3.271>
- Gross, J. J., & Thompson, R. A. (2007). Emotion Regulation: Conceptual Foundations. In J. J. Gross (Ed.), *Handbook of emotion regulation* (pp. 3–24). The Guilford Press.
- Hoemann, K., Khan, Z., Kamona, N., Dy, J., Barrett, L. F., & Quigley, K. S. (2021). Investigating the relationship between emotional granularity and cardiorespiratory physiological activity in daily life. *Psychophysiology*, 58(6). <https://doi.org/10.1111/psyp.13818>
- Hoemann, K., Lee, Y., Kuppens, P., Gendron, M., & Boyd, R. L. (2023). Emotional Granularity is Associated with Daily Experiential Diversity. *Affective Science*, 4(2), 291–306. <https://doi.org/10.1007/s42761-023-00185-2>
- Ikeda, S. (2023). The more emotional words you know, the higher your mental health. *Scandinavian Journal of Psychology*, 64(6), 705–709. <https://doi.org/10.1111/sjop.12928>
- Kring, A. M., Smith, D. A., & Neale, J. M. (1994). Individual differences in dispositional expressiveness: Development and validation of the Emotional Expressivity Scale. *Journal of Personality and Social Psychology*, 66(5), 934–949. <https://doi.org/10.1037/0022-3514.66.5.934>
- Lee, J. Y., Lindquist, K. A., & Nam, C. S. (2017). Emotional Granularity Effects on Event-Related Brain Potentials during Affective Picture Processing. *Frontiers in Human Neuroscience*, 11. <https://doi.org/10.3389/fnhum.2017.00133>
- Levenston, G. K., Patrick, C. J., Bradley, M. M., & Lang, P. J. (2000). The psychopath as observer: emotion and attention in picture processing. *Journal of abnormal psychology*, 109(3), 373–385.
- Lukic, S., Kosik, E. L., Roy, Morris, N., Sible, I. J., Datta, S., Chow, T., Veziris, C. R., Holley, S. R., Kramer, J. H., Miller, B. L., Keltner, D., Maria Luisa Gorno-Tempini, & Sturm, V. E. (2023). Higher emotional granularity relates to greater inferior frontal

- cortex cortical thickness in healthy, older adults. *Cognitive, Affective & Behavioral Neuroscience (Print)*, 23(5), 1401–1413. <https://doi.org/10.3758/s13415-023-01119-y>
- Maes, J. H. R., & Brazil, I. A. (2015). Distraction from cognitive processing by emotional pictures: Preliminary evidence for an association with interactions between psychopathy-related traits in a non-clinical sample. *Personality and Individual Differences*, 75, 53–58. <https://doi.org/10.1016/j.paid.2014.11.012>
- Marchegiani, V., Zampieri, F., Della Barbera, M., & Troisi, A. (2018). Gender differences in the interrelations between digit ratio, psychopathic traits and life history strategies. *Personality and Individual Differences*, 135, 108–112. <https://doi.org/10.1016/j.paid.2018.07.004>
- Marsh A. A. (2013). What can we learn about emotion by studying psychopathy?. *Frontiers in human neuroscience*, 7, 181. <https://doi.org/10.3389/fnhum.2013.00181>
- Muszynski, M. (2023). Attention checks and how to use them: Review and practical recommendations. *Ask Research and Methods*, 32(1), 3-38. <https://doi.org/10.18061/ask.v32i1.0001>
- Neumann, C. S., & Hare, R. D. (2008). Psychopathic traits in a large community sample: Links to violence, alcohol use, and intelligence. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, 76(5), 893–899. <https://doi.org/10.1037/0022-006X.76.5.893>
- Newman, J. P., Patterson, C. M., & Kosson, D. S. (1987). Response perseveration in psychopaths. *Journal of Abnormal Psychology*, 96(2), 145–148. <https://doi.org/10.1037/0021-843X.96.2.145>
- Ottenstein, C. (2020). *Emotion regulation effectiveness accounts for the associations of self-reported emotion differentiation with well-being and depression*. *Cognition and Emotion*, 34(5), 994–1002. <https://doi.org/10.1080/02699931.2019.1691506>
- Paço, A. R. M. (2017). Medição contextualista do processo emocional: construção e avaliação do Inventário do Processo Emocional. <https://repositorio.ul.pt/handle/10451/33333>
- Paiva, T. O., Pasion, R., Patrick, C. J., Moreira, D., Almeida, P. R., & Barbosa, F. (2020). Further evaluation of the Triarchic Psychopathy Measure: Evidence from community adult and prisoner samples from Portugal. *Psychological Assessment*, 32(3), e1–e14. <https://doi.org/10.1037/pas0000797>

- Patrick, C. J., Bradley, M. M., & Lang, P. J. (1993). Emotion in the criminal psychopath: startle reflex modulation. *Journal of abnormal psychology*, 102(1), 82–92. <https://doi.org/10.1037//0021-843x.102.1.82>
- Patrick, C. J., Fowles, D. C., & Krueger, R. F. (2009). Triarchic conceptualization of psychopathy: developmental origins of disinhibition, boldness, and meanness. *Development and psychopathology*, 21(3), 913–938. <https://doi.org/10.1017/S0954579409000492>
- Porter, S., Brinke, L. ten, Baker, A., & Wallace, B. (2011). Would I lie to you? “leakage” in deceptive facial expressions relates to psychopathy and emotional intelligence. *Personality and Individual Differences*, 51(2), 133–137. <https://doi.org/10.1016/j.paid.2011.03.031>
- Potthoff, J., Wabnegger, A., & Schienle, A. (2023). A differentiated look at emotions: association between gaze behaviour during the processing of affective videos and emotional granularity. *Cognition and Emotion*, 37(8), 1349–1356. <https://doi.org/10.1080/02699931.2023.2258576>
- Reisenzein, R., & Hofmann, T. (1993). Discriminating emotions from appraisal-relevant situational information: Baseline data for structural models of cognitive appraisals. *Cognition and Emotion*, 7(3-4), 271–293. <https://doi.org/10.1080/02699939308409190>
- Sadeh, N., Spielberg, J. M., Heller, W., Herrington, J. D., Engels, A. S., Warren, S. L., Crocker, L. D., Sutton, B. P., & Miller, G. A. (2013). Emotion disrupts neural activity during selective attention in psychopathy. *Social cognitive and affective neuroscience*, 8(3), 235–246. <https://doi.org/10.1093/scan/nsr092>
- Sharp, C., & Vanwoerden, S. (2015). Commentary: The Role of Emotion Regulation in the Development and Maintenance of Psychopathic Traits. *Journal of Child Psychology and Psychiatry*, 56(5), 466–468. <https://doi.org/10.1111/jcpp.12324>
- Skeem, J. L., Polaschek, D. L. L., Patrick, C. J., & Lilienfeld, S. O. (2011). Psychopathic Personality: Bridging the Gap Between Scientific Evidence and Public Policy. *Psychological Science in the Public Interest*, 12(3), 95–162. <https://doi.org/10.1177/1529100611426706>
- Tan, T. Y., Wachsmuth, L., & Tugade, M. M. (2022). Emotional Nuance: Examining Positive Emotional Granularity and Well-Being. *Frontiers in Psychology*, 13. <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2022.715966>

- Tugade, M. M., Fredrickson, B. L., & Barrett, L. F. (2004). Psychological resilience and positive emotional granularity: examining the benefits of positive emotions on coping and health. *Journal of personality*, 72(6), 1161–1190. <https://doi.org/10.1111/j.1467-6494.2004.00294.x>
- Vasconcellos, S. J. L., Salvador-Silva, R., Dias, A. C., Davóglia, T. R., & Gauer, G. (2014). Psicopatia e Reconhecimento de Expressões Faciais de Emoções: Uma Revisão Sistemática. *Psicologia: Teoria E Pesquisa*, 30(2), 125–134. <https://doi.org/10.1590/s0102-37722014000200001>
- Vaz, Filipa Joana da Silva Machado (2008). Diferenciação e Regulação Emocional na Idade Adulta: Tradução e Validação de Dois Instrumentos de Avaliação para a População Portuguesa. Universidade do Minho.
- Wilson-Mendenhall, C. D., & Dunne, J. D. (2021). Cultivating Emotional Granularity. *Frontiers in Psychology*, 12, 703658. <https://doi.org/10.3389/fpsyg>

Anexo A

Análise do Inventário do Processo Emocional

A Tabela A1 indica as proporções das Emoções (A e B) atribuídas a cada uma das Situações. Emoções de valência positiva (alegria, prazer e orgulho) foram mais frequentemente associadas a Situações de Segurança (SS) e, pelo contrário, emoções de valência negativa (medo, tristeza, ansiedade, zanga e vergonha) foram mais frequentemente associadas a Situações de Perigo (SP).

Tabela A1.

Frequência de resposta (proporções) de cada Emoção em cada Situação (N=109)

Emoções	S1		S2		S3		S4		S5		S6		S7		S8		S9		S10	
	A	B	A	B	A	B	A	B	A	B	A	B	A	B	A	B	A	B	A	B
Medo	0	0	0,009	0	0,02	0,06	0,33	0,32	0,05	0,13	0	0,009	0,009	0,04	0,02	0,04	0,02	0,06	0,18	0,38
Tristeza	0	0,009	0	0,009	0,21	0,19	0,07	0,14	0,22	0,38	0	0,02	0,08	0,04	0,04	0,07	0,57	0,28	0,009	0,05
Ansiedade	0,06	0,16	0,06	0,05	0,24	0,27	0,54	0,37	0,11	0,16	0,07	0,06	0,09	0,13	0,29	0,17	0,03	0,1	0,62	0,28
Zanga	0	0,009	0	0,009	0,05	0,1	0,009	0,04	0,59	0,28	0	0	0,07	0,11	0,009	0,05	0,34	0,43	0,009	0
Vergonha	0	0,03	0	0,009	0,38	0,29	0,02	0,06	0,02	0,03	0,04	0,02	0,03	0,03	0,009	0,06	0,02	0,08	0,04	0,17
Serenidade	0,04	0,26	0,2	0,3	0,07	0,05	0,02	0,07	0	0	0,07	0,08	0,17	0,25	0,24	0,18	0,03	0,04	0,13	0,09
Prazer	0,13	0,31	0,45	0,34	0,009	0,009	0,009	0,009	0	0	0,39	0,24	0,09	0,08	0,03	0,08	0	0	0	0,02
Alegria	0,76	0,17	0,28	0,24	0,009	0	0	0	0,009	0,009	0,3	0,28	0,39	0,18	0,29	0,2	0	0	0,02	0
Orgulho	0,009	0,06	0,009	0,05	0,02	0,04	0	0	0,009	0,02	0,13	0,29	0,07	0,15	0,07	0,15	0	0	0	0,02

Nota: valores a **negrito** indicam as frequências mais elevadas; colunas a cinzento representam as *Situações de Perigo/Afastamento*

A Tabela A2 indica as proporções das Estratégias (A e B) atribuídas a cada uma das Situações. Estratégias de abertura e foco experiencial, como "*concentro-me no que está a acontecer*" e "*partilho com os meus amigos*" têm uma maior prevalência nas Situações de Segurança (SS), enquanto estratégias de evitamento e de regulação interna ("*penso noutra coisa*"; "*guardo para mim*" e "*tento modificar a situação*") apresentam maior prevalência nas Situações de Perigo (SP).

Tabela A2.*Frequência de resposta (proporções) de cada Estratégia em cada Situação (N=109)*

<i>Estratégias</i>	<i>S1</i>		<i>S2</i>		<i>S3</i>		<i>S4</i>		<i>S5</i>		<i>S6</i>		<i>S7</i>		<i>S8</i>		<i>S9</i>		<i>S10</i>	
	<i>A</i>	<i>B</i>	<i>A</i>	<i>B</i>	<i>A</i>	<i>B</i>	<i>A</i>	<i>B</i>	<i>A</i>	<i>B</i>	<i>A</i>	<i>B</i>	<i>A</i>	<i>B</i>	<i>A</i>	<i>B</i>	<i>A</i>	<i>B</i>	<i>A</i>	<i>B</i>
<i>Penso noutra coisa</i>	0	0,04	0	0,02	0,06	0,13	0,17	0,2	0,09	0,08	0,06	0,04	0,05	0,07	0,07	0,09	0,09	0,13	0,11	0,17
<i>Guardo para mim</i>	0,11	0,26	0,24	0,2	0,32	0,27	0,19	0,14	0,08	0,17	0,21	0,18	0,36	0,36	0,29	0,35	0,26	0,28	0,22	0,24
<i>Tento Modificar Situação</i>	0,009	0	0	0	0,23	0,18	0,22	0,15	0,44	0,28	0	0	0,07	0,06	0,02	0,02	0,05	0,09	0,05	0,03
<i>Concentro-me no que está a acontecer</i>	0,44	0,41	0,45	0,43	0,06	0,06	0,09	0,09	0,11	0,11	0,22	0,27	0,22	0,21	0,23	0,18	0,03	0,04	0,2	0,12
<i>Tento ver as coisas de maneira diferente</i>	0,009	0,05	0,02	0,009	0,14	0,14	0,19	0,15	0,05	0,03	0,03	0,03	0,03	0,03	0,06	0,07	0,1	0,13	0,17	0,15
<i>Penso naquilo em que acredito</i>	0,009	0,009	0,03	0,009	0,009	0,02	0,05	0,03	0,02	0,08	0,04	0,03	0,02	0,02	0,009	0	0,04	0,009	0,02	0,06
<i>Tento dar sentido ao que está a acontecer</i>	0,03	0,02	0,03	0,04	0,15	0,12	0,09	0,14	0,08	0,06	0,05	0,04	0,02	0,06	0,05	0,05	0,23	0,14	0,11	0,13
<i>Partilho com os meus amigos</i>	0,39	0,21	0,24	0,29	0,03	0,09	0	0,11	0,13	0,18	0,4	0,42	0,24	0,19	0,28	0,24	0,21	0,19	0,13	0,11

Nota: valores a **negrito** indicam as frequências mais elevadas; colunas a cinzento representam as *Situações de Perigo/Afastamento*

A análise da valência emocional revela que as Situações de Segurança (SS) foram predominantemente avaliadas como positivas, com destaque para as categorias "Muito Agradável" e "Agradável". E, por contraste, as Situações de Perigo/afastamento (SP) foram avaliadas de forma marcadamente negativa, destacando-se as proporções elevadas nas categorias "Muito Desagradável" e "Desagradável" (Tabela A3).

Tabela A3.*Frequência de resposta (proporções) da Valência Emocional em cada Situação (N=109)*

<i>Valência</i>	<i>S1</i>		<i>S2</i>		<i>S3</i>		<i>S4</i>		<i>S5</i>		<i>S6</i>		<i>S7</i>		<i>S8</i>		<i>S9</i>		<i>S10</i>	
	<i>A</i>	<i>B</i>	<i>A</i>	<i>B</i>	<i>A</i>	<i>B</i>	<i>A</i>	<i>B</i>	<i>A</i>	<i>B</i>	<i>A</i>	<i>B</i>	<i>A</i>	<i>B</i>	<i>A</i>	<i>B</i>	<i>A</i>	<i>B</i>	<i>A</i>	<i>B</i>
<i>1. Muito Desagradável</i>	0,04	0,03	0,03	0,02	0,39	0,42	0,6	0,53	0,51	0,5	0,03	0,04	0,13	0,15	0,15	0,13	0,7	0,66	0,33	0,33
<i>2. Desagradável</i>	0	0,08	0,009	0,04	0,31	0,28	0,27	0,27	0,28	0,27	0,03	0,03	0,11	0,11	0,12	0,14	0,19	0,22	0,29	0,29

3. Pouco Desagradável	0,02	0,1	0,03	0,03	0,14	0,16	0,1	0,09	0,14	0,17	0,06	0,06	0,05	0,07	0,12	0,14	0,09	0,08	0,2	0,21
4. Pouco Agradável	0,06	0,1	0,06	0,06	0,07	0,06	0,02	0,06	0,02	0,03	0,11	0,14	0,06	0,07	0,07	0,1	0,009	0,02	0,08	0,06
5. Agradável	0,16	0,16	0,19	0,29	0,05	0,03	0,009	0,02	0,03	0	0,24	0,2	0,13	0,13	0,2	0,16	0	0	0,06	0,06
6. Muito Agradável	0,73	0,53	0,68	0,57	0,04	0,05	0,009	0,03	0,03	0,04	0,54	0,54	0,53	0,47	0,34	0,34	0,009	0,02	0,04	0,04

Nota: valores a **negrito** indicam as frequências mais elevadas; colunas a cinzento representam as *Situações de Perigo/Afastamento*

As Situações de Segurança (SS) indicam uma predominância de respostas situadas nas categorias de intensidade média a elevada, particularmente em "Intensidade Média Alta" e "Muita Intensidade". Embora as SS estejam geralmente associadas a valência positiva, os resultados sugerem que essas experiências também são emocionalmente significativas e vividas com intensidade, o que pode refletir envolvimento afetivo positivo elevado. Nas Situações de Perigo/afastamento (SP), destaca-se uma maior frequência de respostas nas categorias superiores de intensidade, nomeadamente "Muito Alta Intensidade" e "Muita Intensidade" (Tabela A4).

Tabela A4.
Frequência de resposta (proporções) da Intensidade Emocional em cada Situação (N=109)

Intensidade	S1		S2		S3		S4		S5		S6		S7		S8		S9		S10	
	A	B	A	B	A	B	A	B	A	B	A	B	A	B	A	B	A	B	A	B
1. Muito Baixa Intensidade	0,009	0,02	0,04	0,03	0,02	0,07	0,04	0,02	0,03	0,009	0,03	0,03	0,009	0,009	0,02	0,07	0,02	0,02	0,04	0,09
2. Baixa Intensidade	0,009	0,08	0,009	0,05	0,06	0,14	0,05	0,08	0,04	0,1	0,05	0,06	0,06	0,09	0,07	0,16	0,009	0,03	0,12	0,07
3. Intensidade Média Baixa	0,08	0,16	0,12	0,08	0,19	0,23	0,11	0,17	0,07	0,15	0,2	0,2	0,12	0,17	0,2	0,23	0,04	0,17	0,17	0,26
4. Intensidade Média Alta	0,3	0,28	0,33	0,36	0,28	0,18	0,28	0,23	0,21	0,31	0,35	0,4	0,28	0,21	0,36	0,3	0,1	0,26	0,29	0,3
5. Muita Intensidade	0,4	0,29	0,36	0,32	0,21	0,17	0,27	0,25	0,31	0,23	0,22	0,2	0,34	0,28	0,25	0,16	0,28	0,19	0,19	0,17
6. Muito Alta Intensidade	0,19	0,17	0,15	0,17	0,25	0,21	0,26	0,26	0,34	0,2	0,16	0,1	0,19	0,24	0,1	0,08	0,56	0,33	0,18	0,1

Nota: valores a **negrito** indicam as frequências mais elevadas; colunas a cinzento representam as *Situações de Perigo/Afastamento*

Em emoções de valência negativa, como ansiedade, tristeza e zanga, observa-se uma predominância de estratégias como "*guardo para mim*" e "*tento modificar a situação*". Por outro lado, emoções de valência positiva, como alegria, prazer e serenidade, mostram uma forte associação com estratégias de expressão emocional e partilha. A emoção alegria apresenta a frequência mais elevada com "*partilho com os meus amigos*" e

com "concentro-me no que está a acontecer". Já o prazer associa-se de forma robusta com "concentro-me no que está a acontecer" e "partilho com os meus amigos". A serenidade, apesar de menos expressiva em comparação com outras emoções positivas, está principalmente relacionada com "concentro-me no que está a acontecer" (Tabela A5).

Tabela A5.

Associação entre Estratégias e Emoções. Frequência Absoluta (N=109)

	<i>Medo</i>	<i>Tristeza</i>	<i>Ansiedade</i>	<i>Zanga</i>	<i>Vergonha</i>	<i>Serenidade</i>	<i>Prazer</i>	<i>Alegria</i>	<i>Orgulho</i>	<i>Total</i>
<i>Penso noutra coisa</i>	37	37	63	21	16	6	0	0	2	182
<i>Guardo para mim</i>	32	66	104	38	46	84	56	60	29	515
<i>Tento Modificar Situação</i>	22	45	59	59	18	0	2	0	0	205
<i>Concentro-me no que está a acontecer</i>	19	7	53	11	4	98	112	104	25	433
<i>Tento ver as coisas de maneira diferente</i>	29	24	49	18	40	7	0	0	2	169
<i>Penso naquilo em que acredito</i>	7	10	8	10	3	7	2	2	4	53
<i>Tento dar sentido ao que está a acontecer</i>	16	37	53	20	11	13	6	11	9	176
<i>Partilho com os meus amigos</i>	19	34	29	52	5	34	61	165	47	446
<i>Total</i>	181	260	418	229	143	249	239	342	118	

Nota: valores a **negrito** indicam as frequências mais elevadas; colunas a cinzento representam as *Situações de Perigo/Afastamento*